

OPERAÇÃO SARARÉ II

(369) 4468

Funai quer que Polícia Federal libere toda a área da Reserva

Técnicos da Funai temem o que aconteça "depois" que a PF deixe a área

RUBENS VALENTE

Enviado Especial à Reserva Sararé

O administrador regional da Funai em Cuiabá, Ademir Gudrin, disse ontem que a maior preocupação do órgão é que a Reserva Sararé inteira seja liberada, e não apenas os pontos onde a ocupação garimpeira e madeireira é mais óbvia e conhecida. A Funai quer que a Polícia Federal faça várias pequenas operações "ponte-fino" antes que a área seja finalmente desintrusada e entregue ao órgão indigenista.

Técnicos da Funai, como o assessor do gabinete Ariovaldo dos Santos, que morou mais de seis anos com os índios nhambiquaras e conhece a reserva como poucos, vão apontar aos federais os locais onde os garimpeiros podem estar atuando sem maior alarde. Estratégia comumente usada pelos garimpeiros é esconder dragas e óleo diesel no mato ou enterrado no chão, retirando tudo e colocando para funcionar de novo, assim que a Polícia Federal deixe a área. A intenção pública de muitos garimpeiros é regressar à reserva assim que os agentes saiam de Pontes e Lacerda.

Ademir Gudrin disse que o "depois" deve ser uma discussão imediata dos órgãos envolvidos na operação. Sobre os resultados dos primeiros dois dias de operação (ontem, discussão de estratégia, e ontem, uma visita a alguns garimpos) ainda não podem ser avaliados.

A equipe da Funai, embora não admita publicamente, está especialmente interessada em saber se a Polícia Federal vai aumentar o número de policiais na operação. A promessa de que 90 agentes de vários estados estariam na reserva - prevista no plano de desintrusão aprovado pelo Ministério da Justiça - ainda não se confirmou.

O superintendente da PF no Estado, Cláudio Luiz da Rosa, que também está na área acompanhando a operação, disse que o restante dos agentes deve chegar a partir da próxima quarta-feira, quando acaba o prazo de cinco dias dados pela PF para a saída pacífica dos garimpeiros. O superintendente está otimista, depois de um sobrevôo realizado ontem, pelo qual disse ter certeza que "a maioria" dos invasores já abandonou os locais de extração de ouro. No entanto, os funcionários da Funai entendem que uma visão aérea dá uma impressão errada da ocupação na reserva, já que as copas das árvores escondem garimpeiros e dragas.

Esse mesmo sobrevôo também entusiasinou o comandante da operação pela Polícia Militar, coronel Benedito Souza, para quem "de 70 a 80%" dos garimpeiros já teriam deixado a reserva de forma espontânea. Segundo vários garimpeiros ouvidos pelo DIÁRIO, no garimpo Curimã e na cidade de Pontes e Lacerda, esse índice não passaria dos "20%",

José Luiz Medeiros



Garimpeiros deixando ontem a área da Reserva Indígena Sararé

com alguns garimpeiros insistindo que apenas parte dos comerciantes e alguns donos de dragas, cerca de 10% do total, é que teriam deixado a reserva.

O comandante-geral da PM, coronel Dival Corrêa Martins, disse que as duas barreiras montadas ontem pela PM nas principais vias de acesso aos garimpos devem prosseguir por mais seis meses após a desintrusão. Segundo ele, a PM vai "eliminar" as frotas de acesso, mas está impossibilitada de realizar incursões na reserva no decorrer desses seis meses, tarefa

que caberia à Funai e Polícia Federal.

O coronel diz que outros problemas precisam ser resolvidos para acabar com a invasão à Reserva Sararé, citando o desemprego, a fome e os dramas sociais de cidades que vivem do ouro, como Peixoto de Azevedo, e que hoje afundam na crise econômica, com a escassez do minério. "Solução maior é conscientizar a população e dar condições não ilegais de trabalho", disse o coronel, frisando que o quadro econômico no País estimula invasões de áreas

indígenas.

O secretário de Segurança Pública, Hilário Mozer Neto, também acompanhando a operação, disse que o clima nas cidades próximas ao garimpo, nos primeiros dias da operação, está tranquilo e nenhuma ocorrência grave foi registrada. O policiamento ostensivo de Pontes e Lacerda foi reforçado à noite, com grupos de policiais militares trabalhando até de madrugada em rondas pela cidade, principalmente nos pontos onde se concentram garimpeiros, como pequenos hotéis, pensões e bares.

4
161